

A história da Escola Portátil de Música e sua contribuição para a transmissão do choro

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SIMPÓSIO: Práxis de Formação em Música na Atualidade: Múltiplas Abordagens, Contextos e Perspectivas

Luciana Fernandes Rosa
(Universidade de São Paulo – lfrosa1@gmail.com)

Silvia Maria Pires Cabrera Berg
Universidade de São Paulo – silviaberg@usp.br

Resumo. A Escola Portátil de Música (EPM) é uma instituição dedicada ao ensino do choro e seus gêneros correlatos. Foi fundada em 2000 por músicos liderados por Luciana Rabello e Mauricio Carrilho como uma oficina de choro. A EPM ocupou alguns espaços no Rio de Janeiro até se instalar nas dependências da UNIRIO desde 2005. Este artigo investiga a trajetória da escola e sua contribuição para a consolidação do cenário do choro no Brasil, através de suas atividades pedagógicas, publicações, pesquisa histórica e gravações. Realizou-se pesquisa em periódicos e utilizou-se os referenciais de Greif (2015), Coelho (2003) e Frydberg (2011).

Palavras-chave. Educação Musical. Choro. Transmissão. Música Popular.

The history of Escola Portátil de Música and its Contribution for the Transmission of Choro.

Abstract. The Escola Portátil de Música (EPM) is an institution dedicated to the teaching of choro and its related genres. It was founded in 2000 by musicians led by Luciana Rabello and Mauricio Carrilho, in the format of a choro workshop. EPM has occupied some spaces in Rio de Janeiro, having been installed on UNIRIO's facilities since 2005. This paper investigates the EPM's trajectory and its contribution to the consolidation of the choro scene in Brazil, through its pedagogical activities, publications, historical research and recordings. Research was carried out in journals and the references of Greif (2015), Coelho (2003) and Frydberg (2011) were used.

Keywords. Musical Education. Choro. Transmission. Popular music.

1. Introdução

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de doutorado em fase de finalização, cujo tema é as relações entre escrita e oralidade na transmissão do choro ao longo de sua história. O texto discorre sobre a trajetória da criação e consolidação da Escola Portátil de Música (EPM), a segunda escola exclusiva dedicada ao ensino de choro a ser fundada no Brasil, em 2000, e como os elementos os recursos de escrita e oralidade foram se construindo em sua metodologia de ensino. Nestes vinte anos a escola teve mais de 17 mil alunos, promoveu festivais de choro e seus professores ministraram oficinas no Brasil e no exterior. Além da fundação da EPM, o grupo de músicos liderados por Luciana Rabello e Mauricio Carrilho realizou uma importante pesquisa sobre compositores dos primórdios do gênero que

resultou em uma coleção de CDs e de partituras chamada *Os Princípios do Choro*, revelando autores desconhecidos e obras inéditas de autores consagrados do choro. As obras foram gravadas no estúdio Acari Records, fundada pelos mesmos músicos, sendo a única gravadora especializada em choro do Brasil. A EPM promoveu acesso gratuito ou de baixo custo aos estudantes, propiciou a profissionalização de músicos e o surgimento de vários grupos de choro. A metodologia adotada foi a revisão bibliográfica e pesquisa nos periódicos nacionais.

2. A trajetória da EPM

A Escola Portátil de Música (EPM) escola surgiu no formato de uma Oficina de Choro, no ano 2000, organizada pelos professores Mauricio Carrilho, Luciana Rabello, Álvaro Carrilho, Celso Silva e Pedro Amorim. Rabello, em entrevista à Elza Greif (2007), conta como surgiu o convite para o projeto. Cirley de Holanda, diretora da Sala FUNARTE Sidney Miller na época, tinha uma filha que tocava flauta e que se interessava pelo choro, com idade aproximada de Ana, filha de Luciana, que tocava cavaquinho como a mãe. Em uma conversa, as Cirley e Luciana comentaram sobre a dificuldade que as filhas tinham de encontrar lugares e pessoas da mesma idade pra tocar choro juntas. Foi quando Luciana sugeriu a Cirley fazer uma oficina, ideia que foi recebida com entusiasmo. Cirley propôs fazer uma roda de choro aos sábados de manhã na Funarte com essa finalidade, porém “um pouco mais organizada” (GREIF, 2007, p. 148). Uma nota no *Jornal do Brasil* de 2 de setembro de 2000¹ anuncia o início das atividades: “A partir de 16 de setembro, a Funarte inaugura a sua *Oficina de Choro* franqueada a todos os instrumentos, para atividades práticas lideradas pelos cobras Paulo Sérgio Santos, Mauricio Carrilho, Luciana Rabello, Álvaro Carrilho e Pedro Amorim (JB, 2/9/2000)”. Da Funarte a oficina foi para o prédio de música da UFRJ na Lapa, com cerca de setenta alunos, onde permaneceu até 2003, com o nome de *O Choro na Escola*. Os módulos eram de quatro meses de aulas coletivas, em salas separadas por instrumentos, utilizando as apostilas preparadas por Mauricio Carrilho (GREIF, 2007, p.148). Nesta época os professores eram Mauricio Carrilho e Paulo Aragão, violão; Luciana Rabello e Jayme Vignoli, cavaquinho; Pedro Amorim e Pedro Aragão, bandolim; Rui Alvim, Pedro Paes e Marcelo Bernardes, sopros; Pedro Aragão, prática de conjunto e arranjo; Álvaro Carrilho, flauta; Celso Silva, pandeiro; Kiko Horta, sanfona; Anna Paes e Adamo Prince, teoria e iniciação musical (COELHO, 2003, p. 25). Nota-se uma estruturação maior do curso, com mais professores e aulas separadas por instrumentos, possibilitadas pelo novo espaço.

Também é interessante o surgimento dos cursos de iniciação musical e de teoria, enfatizando aspectos pedagógicos comuns ao ensino de música de concerto tradicional. No entanto, sobre a metodologia adotada nessa época, Mauricio Carrilho explica:

O Choro sobreviveu e se desenvolveu de um jeito próprio, e o que a gente tenta produzir nestes módulos é a forma de aprendizado mais livre, mais solta, menos acadêmica que aconteceu em toda a história do Choro. A proposta é que, no final do semestre, os alunos estejam preparados para uma roda de Choro. Nosso material são apostilas, gravações e principalmente o material humano: a prática, o que cada aluno tem a oferecer. Nosso maior objetivo é o resgate da linguagem, e ainda não existe uma metodologia dentro dos moldes da academia para essa linguagem. Existe uma metodologia criada espontaneamente na rua, e é isso que a gente reproduz lá. Definitivamente, é o método da roda de Choro. (M. Carrilho, apud COELHO, 2003, p. 26)².

A fala de Carrilho leva a um aspecto comum a outras escolas e conservatórios que adotam o ensino do choro: procurar reproduzir o ambiente da roda de choro e trazer a espontaneidade deste ambiente para o ensino do gênero. “Nosso material são apostilas, gravações e material humano” evidencia a combinação de aspectos orais, aurais e escritos da aprendizagem, além da interação humana. Nota-se também o foco no aluno: “O que cada aluno tem a oferecer”. Nesta frase Carrilho deixa transparecer a importância que dá ao processo mútuo do ensino e aprendizagem, onde se parte do aluno e de suas necessidades para definir as metas de ensino. Este processo encontra ressonância no pensamento de Paulo Freire (1997), quando diz que “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1997, p.11). O compositor Hans-Joaquim Koellreutter também baseou sua forma de ensinar partindo do aluno, ao postular que o professor “aprende do aluno o que ensinar” (apud BRITO, 2015, p. 103).

No ano de 2003 o projeto cresceu e ganhou apoio de Herminio Bello de Carvalho. Uma nota divulgou o lançamento do “programa Escola Portátil de Música”, por Carvalho, vinculado ao Instituto Jacob do Bandolim. A ideia era expandir as oficinas da UFRJ para outros municípios, sendo que a primeira experiência seria na cidade de Cordeiro, de onde já havia um grupo de estudantes que frequentava as Oficinas na UFRJ (TI, 17/02/2003). Não se encontrou mais notícias sobre a instalação da escola em Cordeiro, embora este continuasse a ser um plano do projeto, que foi absorvido pelo SESC. No *Jornal do Brasil* uma matéria de agosto de 2003 anuncia: “Hoje, no Arte Sesc, no Flamengo, será lançada a Escola Portátil de Música, projeto do produtor Hermínio Bello de Carvalho e do violonista Mauricio Carrilho” (JB, 27/8/2003). Foi publicada uma reportagem na mesma semana informando que o Sesc Rio

investiu 190 mil reais no ensino de música, com realização conjunta com o Instituto Jacob do Bandolim, com aulas gratuitas a mais de cem pessoas no Sesc Ramos, entre crianças, jovens e idosos. O projeto tinha duração de um ano e contava com o mesmo time de professores das oficinas anteriores. O plano previa a ampliação das oficinas para dez pontos do estado, com apoio das prefeituras locais” (JC, 28/8/2003).

Em 2004 a oficina da UFRJ se muda para um casarão na Glória com o nome de Oficina de Choro - Escola Portátil de Música, onde passou a atender cerca de 400 alunos sob o patrocínio da empresa El Paso (GREIF, 2007, p. 149). O aumento do número de alunos e a sede própria se refletem na reportagem de página inteira com foto publicada na *Tribuna de Imprensa*, em março de 2004, intitulada “Choro se Aprende na Escola”. A reportagem informa que o “projeto prevê a seleção de 200 alunos que receberão bolsas integrais, incluindo o material didático para os cursos, que têm duração de oito meses”. O texto também revela a origem do nome da escola: “o próprio nome, ‘Escola Portátil’, dado por Hermínio Bello de Carvalho, se refere à ideia de expandir o projeto pra outras cidades do estado, beneficiando mais jovens”. (TI, 19/03/2004). O projeto da Glória, segundo a reportagem, contou com patrocínio da empresa energética El Paso, com captação através da Lei Rouanet, e teve a coordenação do bandolinista Pedro Aragão e de Mauricio Carrilho. A violonista Anna Paes, responsável pelas aulas de violão para iniciantes, declara:

O choro é a raiz da música instrumental urbana. Nossa ideia é formalizar uma transmissão de conhecimento que sempre se deu de maneira indireta nas rodas de choro. São grandes artistas da música dispostos a passar parte da bagagem de uma vida para as novas gerações em um encontro entre mestre e aluno” (Ibid.)

No depoimento da violonista destaca-se a ideia de “formalizar uma transmissão de conhecimento que sempre se deu de maneira indireta nas rodas de choro”. Embora a essência do pensamento esteja em consonância com outras declarações, como a de Carrilho, a ideia de “formalizar a transmissão” aponta para o diálogo entre as formas históricas de ensino do choro, baseadas na oralidade, com as maneiras empregadas no ensino convencional de música, que utiliza elementos da escrita. “Formalizar” é um termo que remete ao ensino formal, escolar, tradicional. Transmissão, termo muito usado na Etnomusicologia, por outro lado, relaciona-se historicamente ao conhecimento passado de geração a geração, de maneira indireta. Queiroz (2010) entende que a transmissão de saberes musicais é intrínseca à Educação Musical, e o termo melhor exemplifica os processos de ensino e aprendizagem, como demonstra neste trecho:

Para a análise de processos, situações e contextos de práticas, assimilação e formação musical, considero mais adequado o uso do termo transmissão, ao invés de ensino e aprendizagem. Tal fato está relacionado com uma perspectiva antropológica

do conceito de transmissão, entendendo que ensino e aprendizagem são somente dois entre os múltiplos aspectos que fazem com que um determinado conhecimento seja transmitido culturalmente, de forma mais ou menos sistemática. Nesse sentido, a transmissão musical envolve ensino e aprendizagem de música, mas também abrange valores, significados, relevância e aceitação social, bem como uma série de outros parâmetros que caracterizam a seleção, resignificação e, conseqüentemente, transmissão de uma cultura musical em um contexto específico (QUEIROZ, 2010, p. 115).

Vale lembrar que Anna Paes vem de uma geração posterior a Carrilho, sendo discípula deste, e com ele conduziu a pesquisa *Inventário do Choro*. Seu trabalho *Enciclopédia Ilustrada do Choro no século XIX*, produzido através da Bolsa Rio-Arte 2003, contendo verbetes biográficos e cerca de 9.000 títulos de obras de 1.300 compositores, foi licenciado para compor a base de dados do Instituto Casa do Choro.³ Em 1998, a monografia da violonista versou sobre uma proposta de ensino de violão dentro do contexto do choro, onde a autora reflete sobre os processos de ensino e aprendizagem do instrumento na roda de choro (CARVALHO, 1998).

Em 2005, a EPM passa a funcionar, sempre aos sábados, no espaço onde permanece até os dias atuais: as instalações da UNIRIO na Urca. Uma reportagem de março daquele ano anuncia a empreitada através do depoimento de Rick Ventura, professor na UNIRIO:

Foi simplesmente impressionante ver a coisa funcionando. Só na sala Villa-Lobos tinha uns 100 alunos de violão seguindo os mestres (Mauricio Carrilho, Paulo Aragão e Anna Paes), que do palco comandavam um pelotão. Arrepiante ver aquela massa tocando levadas de choros sem embolar. Tive todo o apoio da reitoria para fazer essa maluquice! apareça lá um sábado desses para conferir. A EPM – Escola Portátil de Música passa a integrar o quadro dos Cursos de Extensão do Instituto Villa-Lobos da UniRio (TI, 28/03/05).

A nota informa que houve uma seleção de 619 alunos dentre os 1300 inscritos, e que o curso funcionaria aos sábados, com uma equipe de apoio dos professores da Universidade ao projeto. O quadro de professores da EPM na época era composto por Adamo Prince, Álvaro Carrilho, Ana Paes, Bia Paes Leme, Celsinho Silva, Cristóvão Bastos, Jayme Vignoli, Kiko Horta, Luciana Rabello, Marcelo Bernardes, Marcelo Noronha, Mauricio Carrilho, Nailson Simões, Oscar Bolão, Paulo Aragão, Pedro Amorim, Pedro Aragão, Pedro Paes e Rui Alvim (Ibid.). Outra reportagem informa que os alunos tinham aulas de violão, cavaquinho, bandolim, flauta, clarinete, trompete, trombone, saxofone, acordeom, piano, pandeiro e percussão, além de matérias teóricas como história do choro, percepção, harmonia, iniciação musical e leitura rítmica, com as aulas e material didático oferecidos gratuitamente, sob o patrocínio da empresa de energia elétrica americana (JB, 5/6/05).

No final de 2005 a escola fez um show de encerramento no Largo da Carioca, na qual se apresentaram dois grupos que se formaram na escola a partir de alunos e professores: O Bandão e a Furiosa Portátil, um grupo menor com professores e alunos mais adiantados. A notícia no Jornal do Brasil relata o evento:

Mais de cem músicos e os mestres Mauricio e Álvaro Carrilho, Luciana Rabello e Cristóvão Bastos participam da apresentação da Escola Portátil de Música, dia 16, no Largo da Carioca. Pixinguinha está no repertório e Radamés Gnattali é o homenageado, através de três formações orquestrais: Camerata, Furiosa Portátil e Bandão (com 80 alunos). A segunda parte da comemoração será durante o II Festival Nacional de Choro, de 22 a 30 de janeiro, em Mendes (JB, 9/12/2005).

É interessante notar que além de uma apresentação em um espaço público, fora das dependências da escola, já havia três grupos estruturados, com alunos e professores participando. A Furiosa Portátil gravou dois CDs e até a época atual tem se apresentado com regularidade. Outro dado relevante é a notícia do II Festival Nacional de Choro, a ocorrer em janeiro do ano seguinte. Os Festivais da EPM tiveram sete edições até 2016, e expandiram a atuação da escola para além da cidade do Rio de Janeiro, propiciando a estudantes de diversas partes do Brasil e do mundo a oportunidade de ampliarem seus conhecimentos no choro.

Greif (2007) esclarece que Rick Ventura, responsável por estabelecer o elo entre a EPM e a UNIRIO, era conhecido da família de Luciana Rabello desde a época da juventude da cavaquinista, na década de 1970, tendo sido professor dela e de seu irmão Raphael (GREIF, 2007, p. 151). Ventura teria feito a proposta à UNIRIO de abrigar a escola, em vista da necessidade da EPM de sair da casa da Glória, que havia sido pedida pelo proprietário. Segundo a autora, a estrutura da universidade, com uma grande quantidade de salas de aula e de ensaios, além do patrocínio da energética e posteriormente da Petrobrás, foram fundamentais para a ampliação das atividades da escola. Greif (2007) ressalta: “As aulas que precisam de piano ou de equipamento audiovisual, por exemplo, têm as suas necessidades atendidas. O espaço ao ar livre onde se reúne o Bandão é extraordinário, em relação às suas dimensões e à sua beleza natural” (p. 150).

De fato, o ensaio do Bandão, à sombra das mangueiras e de uma grande rocha, tornou-se uma espécie de cartão de visitas da EPM, registrado em incontáveis reportagens de jornais e vídeos de públicos espalhados pelo YouTube e posteriormente em outras redes sociais. Uma reportagem do JB de 2006, um ano após a mudança para a UNIRIO, ilustra como o Bandão se tornou um programa de lazer para os cariocas: “Aonde ir no sábado: Assistir à apresentação da Escola Portátil de Música, na Urca. O bandão é reunião de todos os alunos ao fim da aula semanal. É indescritível” (JB, 16/4/2006).

Em um documentário produzido pelo Canal Futura em 2015, os diretores da EPM contam um pouco da trajetória da escola e dos motivos de sua criação: Para Luciana Rabello,

Ela (A EPM) nasceu da necessidade que a gente sentiu e percebeu na nossa geração, de transmitir os conhecimentos que nós recebemos das gerações anteriores, porque já não era mais possível que isso acontecesse da mesma maneira que aconteceu conosco, ou seja, nas rodas de choro, na informalidade. Então a gente precisa organizar melhor isso sistematizar transformar no projeto cultural para poder atingir as pessoas com mais precisão, com mais competência. (Luciana Rabello em entrevista ao Jornal Futura).⁴

Pelo depoimento, não se pode inferir exatamente por que razões a fundadora acreditava não ser mais possível a transmissão pela roda de choro, mas pode-se presumir que sua opinião reside no fato de que após o período de Renascimento do Choro, que durou de 1974 a 1979, o choro foi novamente perdendo mercado paulatinamente. Logo, as rodas de choro também foram desaparecendo no cenário da cidade do Rio de Janeiro, assim como em outros locais (VALENTE, 2014). No entanto, com a criação da EPM, aos poucos as rodas e apresentações nos bares foram se intensificando no Rio de Janeiro, como observa Carrilho no mesmo documentário:

Essa música sempre foi passada de geração a geração através das rodas de choro, informalmente. A escola criou uma forma (de transmitir), sem perder a espontaneidade, sem perder a informalidade. A escola, mudou a cena da música no Rio, né. Em todo lugar que você chega que tem música tocando, ou que tem alguém tocando você vai encontrar alunos e ex-alunos da escola. A gente tem hoje mil e duzentos alunos, tem um trabalho de quinze anos. Então passaram pela escola, a gente calcula, uns oito mil alunos durante esse tempo. (Mauricio Carrilho, para o documentário no Canal Futura, 2015).

A pesquisadora Marina Frydberg (2011), também aponta a importância da EPM no incremento do mercado de choro e samba, não só no Rio de Janeiro, mas a nível nacional. A autora afirma:

A Escola Portátil de Música pode ser entendida como uma instituição centralizadora da aprendizagem e prática do choro, não só para os jovens da cidade onde está localizada, mas de diversas regiões do Brasil que tem nesta escola a sua maior referência. A Escola Portátil de Música é, para o universo social e musical que estou estudando, a grande referência da produção, ensino e divulgação do choro hoje. É também na EPM que estão os mais importantes músicos de uma geração anterior de chorões, o que significa *a priori* uma legitimação, perante o meio musical, do trabalho realizado pela escola na preservação, divulgação e ensino do choro. Compreender o significado da Escola Portátil de Música, em todos os seus desdobramentos, como o programa na Rádio Nacional, o Festival Nacional de Choro e a Acari Records, é também entender os mecanismos que levaram a criação de um mercado do choro no Brasil hoje a partir da fundação da EPM. O panorama da redescoberta do choro na última década não pode ser verdadeiramente apreendido sem que se compreenda o significado social, cultural e de mercado da criação de uma escola dedicada exclusivamente ao choro, a Escola Portátil de Música, e dos seus desdobramentos. A redescoberta do choro e da sua tradição por jovens músicos foi certamente impulsionada pela prática política e pedagógica da Escola Portátil de Música, mas também do seu convite para que “chore quem quiser chorar”. (FRYDBERG, 2011, p. 135-136).

Esta importância da EPM para a “redescoberta do choro”, como foi apontado pela autora, relaciona-se, além da escola em si, à produção da gravadora Acari Records e aos Festivais do Choro promovidos pela escola, que expandiram as ações da escola para diversos pontos do país e mesmo a nível mundial, através de workshops dados internacionalmente e parcerias constantes com diversos núcleos de choro, distribuídos pelos cinco continentes. Além dos workshops e festivais, vale ressaltar que o material produzido pela gravadora Acari, como a coleção *Princípios do Choro*, com os CDs e partituras, circulam por estas comunidades de choro, devido a sua alta qualidade e rigor histórico, fazendo com que muitos apreciadores e praticantes do choro nestes locais tenham ampliado seu conhecimento e repertório de choro, para compositores até então desconhecidos em sua maioria. A importância da EPM estende-se à profissionalização de músicos do choro. Vários de seus ex-alunos se tornaram professores na escola e atuam com frequência no meio musical nacional, em shows e gravações. Outros conjuntos musicais de alunos surgiram e se consolidaram no mercado de choro, como Os Matutos, o Trio Julio e o Regional Segura o Dedo.

3. Considerações finais

A história da EPM revela uma trajetória que se iniciou com um grupo de músicos de choro oriundos de uma geração que aprendeu o choro majoritariamente através da tradição oral. Ao criar a escola, inicialmente uma oficina, a intenção era proporcionar aos novos aprendizes um local de encontro de jovens de uma mesma geração. Posteriormente o projeto da escola se ampliou e ganhou novas sedes, patrocinadores e apoio de instituições universitárias, alcançando um público cada vez maior de amadores e aspirantes à carreira profissional. A metodologia de ensino da EPM procura unir aspectos da oralidade, utilizada tradicionalmente na transmissão do choro, com a sistematização de alguns aspectos do ensino baseados em elementos da escrita, porém sem perder a característica de espontaneidade que sempre esteve presente no ensino do gênero. A EPM procura transmitir o choro com o embasamento histórico adquirido através da pesquisa que culminou na coleção *Princípios do Choro*, além de levar adiante o conhecimento adquirido através dos chorões que influenciaram os músicos e professores da instituição.

A importância das EPM perpassa o âmbito da cidade do Rio de Janeiro e se reflete no aperfeiçoamento de músicos de choro em várias partes do Brasil e no incremento do mercado de choro, com surgimento de novos grupos de gravações e publicações, promovendo

formação de público e movimentação da economia criativa no Rio de Janeiro e consolidando o cenário do choro no Brasil.

REFERÊNCIAS

- BRITO, Teca Alencar. *Hans-Joachim Koellreutter: ideias de mundo, de música, de educação*. São Paulo: Peirópolis, 2015. 152 p.
- CARVALHO, Anna Paes. *O violão na Escola de Choro*. Uma análise dos processos não-formais de aprendizagem. 40 p. Monografia. (Licenciatura em Educação Artística - Música). Instituto Villa-Lobos. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1998.
- COELHO, Ana Carolina Cruz de Freitas. *O choro fazendo escola e a escola fazendo choro*. Monografia. 41 p. (Licenciatura em Educação Artística - Música). Instituto Villa-Lobos. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2003.
- GREIF, Elza. *Ensinar e aprender música: o Bandão no caso Escola Portátil de Música*. 243 p. Tese (Doutorado em música). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1987. 107 p.
- FRYDBERG, M. B. “*Eu canto samba*” ou “*Tudo isto é fado*”: uma etnografia multissituada da recriação do choro, do samba e do fado por jovens músicos. 2011. 380f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- INSTITUTO CASA DO CHORO. Disponível em: <http://casadochoro.com.br/professores>. Acesso em: 20 mar. 20.
- JORNAL DO BRASIL, ed. 141, 27 ago. 2003.
- JORNAL DO BRASIL, ed. 58, 5 jun. 2005.
- JORNAL DO BRASIL, ed. 245, 9 dez. 2005.
- JORNAL DO BRASIL, ed. B00008, 16 abr. 2006.
- JORNAL DO COMÉRCIO, ed. 274, 28 ago. 2003.
- MOURA, Pablo. *A Escola Portátil de Música traz nova proposta para o ensino do choro*. 2015. Documentário. Canal Futura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iNJ4C9ySoDU&t=291s>. Acesso em: 5 abr. 2020
- QUEIROZ, Luiz R.S. *Educação musical e etnomusicologia: caminhos, fronteiras e diálogos*. Revista OPUS – ANPPOM, v. 16, n. 2, 2010. Disponível em: <http://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/221>. Acesso em: 10 mar. 20
- TRIBUNA DA IMPRENSA, ed. 16205B, 17 fev. 2003
- TRIBUNA DA IMPRENSA, ed. 16546, 19 mar. 2004
- TRIBUNA DE IMPRENSA, ed. 16862, 28 mar. 2005
- VALENTE, Paula. *Transformações do choro no século XXI: estruturas, performance e improvisação*. 343 p. Tese (Doutorado em Música) - Escola de Comunicações e Artes – USP, São Paulo, 2014.

Notas

¹ Neste trabalho, os periódicos serão citados com a abreviação de suas iniciais da seguinte forma: Tribuna da Imprensa: TI; Jornal do Brasil: JB; Jornal do Comércio: JC.

² Entrevista de Carrilho concedida à Ana Carolina Cruz Freitas Coelho em 2003.

³ Fonte: Site do Instituto Casa do Choro. Disponível em: <http://casadochoro.com.br/professores>. Acesso em 20 mar. 20.

⁴ Depoimento no documentário A Escola Portátil de Música traz nova proposta para o ensino do choro Canal Futura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iNJ4C9ySoDU&t=291s>. Acesso em 5 abr. 2020.